



MENDIGO, trabalho photographico do sr. dr. Annibal Bettencourt, exposto no *Salão da «Ilustração Portuguesa»*

N.º 223 Lisboa, 30 de Maio de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 48800 réis — Semestre 24400 réis  
Trimestre, 14200 réis

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director. CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

Para encadernar a

## Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **segundo semestre de 1909** da «Ilustração Portuguesa». Preço 360 réis. Também ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-mos para qualquer ponto a quem as requisitar. A importância pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicios respectivos. Administração do **Seculo**—LISBOA.

# Ouivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Unica Qualidade  
**A Melhor**

Para obtela e tambem  
**EXIJA-SE** esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.



# Stilli-Flore

Perfume d'uma  
concentração até hoje  
desconhecida.

Basta uma gotta  
para se perfumar.

MODO D'EMPREGO:

Desaparafusar a tampa  
e exercer uma ligeira  
pressão na extremidade  
do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA  
L. LEGRAND

11, Place de la Madeleine  
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON



NOUVEAU PARFUM  
**VIOLET**  
29, Bd des Italiens, PARIS

**PRINCIA**



COMPANHIA DO

## Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade  
limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000.000
Obrigações.....	323.910.000
Fundos de reserva e de amor- tização.....	266.400.000
Reis....	950.310.000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado. Marianala e Sobrelrinho (Thonar), Penedo e Casal de Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produçao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais perfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações espeaciaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações portoguezas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonicos: Lisboa, 605—Porto, 417.

COMPREM AS

## Sedas Suissas

Peçam as amostras das  
nossas Sedas Novidades de  
primavera e de verão para  
vos idos e bluzas:

Diagonal, Crépon, Surah,  
Moire, Crêpe de Chine, Fou-  
lards, Mousseline 120 cm. de lar-  
gura a partir de fr. 1,25 o metro, em  
preto, branco e cor assim como as  
bluzas e os vestidos borda-  
dos em «b. liste», lá, «toiles» e seda.

Vendemos as nossas sedas garan-  
tidas solidas, directamente aos  
particulares e francas de  
porte a domicilio.

Schweizer & C.<sup>o</sup>

Lucerne e Il (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores de Christo (Br.)

# Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

VESTIDOS BORDADOS em Batiste, Toile, Shantung,

Pongee, Tulle, Chiffon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.

Bluzas bordadas em Batiste, Toile, Lã, Cachemire,

Tulle, Japonais, Louiseine, Crêpe de Chine, desde fr. 9,50,

franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.<sup>o</sup>, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS



23 a 173 Frs. por semana, a  
homens, senhoras e jovens. Muito honroso, facil,  
necessitando nenhuns conhecimentos  
espeaciaes. Venda assegurada.

A. H. HORTON, 56, Rue Carvès,  
Grand Montrouge FRANCE  
(SEINE)



# MORENA

Nasci para te amar. E vejo agora  
Quanto seria grande a minha pena,  
Se tu não fosses pallida e morena  
Como a Samaritana eu sei que fôra.

E mais e mais te julgo tentadora  
Quando a tremer te beijo a mão pequena,  
E sinto o casto aroma da verbena  
A perfumar minh'alma sonhadora.

Não quero que mais linda e feiticeira  
Pensem alguns que seja a bayadeira,  
Erguendo a prece n'um pagode hindú.

E custa a crêr, os olhos teus fitando,  
Que lá nas nuvens, Deus não tenha um bando  
De anjos assim, morenos, como tu!

MARIO DE ARTAGÃO.

# A CULTURA DO CHÁ

Foi em 1841 que o dinheiro dos Rothschild e a iniciativa de um d'esses famosos banqueiros semeou em Ceylão as primeiras plantações de chá. Confiados na excellencia do solo, atravam pelo ar, a um lado e outro, de cima do dorso de um elephante, a preciosa semente encomendada da China; e o resultado foi nos primeiros annos a cultura ser quasi desanimadôra, e em mil oitocentos e setenta e tantos regular ainda á volta de 1:000 kilos a somma toda do chá exportado. Ora evidentemente o chá, como tudo que vinha da China, era um exemplo da nunca excessida paciencia chinesa; e os agricultores do Hindustão e dos campos da Taprobana, se quizeram espalhar pelo mundo um rival do chá Olong, tiveram de recorrer aos mesmos cuidados e minuciosos trabalhos que usavam, desde as mais fundas memorias dos homens, os subditos amarellos do Filho do Céu.

N'uma coisa se distingue principalmente a cultura indiana da cultura chinesa do chá. Na China são dezenas de milhões os pro-



1— Como se enchem os pacotes de chá: a balança distribuidora automática está regulada para um determinado peso de chá, segundo os pacotes são d'um kilo, meio kilo ou um quarto de kilo. Basta baixar a alavanca da balança para que a quantidade desejada de chá caia no recipiente de onde a operaria o retira para o pacote.

2—A colheita das folhas de chá em Ceylão

prietarios que o cultivam; alguns metros quadrados de terreno plantados com o arbusto são muitas vezes a fortuna toda e o alvo de todos os cuidados do pacífico aldeão de cabana e rabicho que atravessa o anno colhendo n'um dia umas duzias de folhas e de botões, para, ao vir da estação em que o mercador do chá atravessa a provincia, as trocar pelas miseraveis sapecas com que ha de comprar o arroz. E as fazendas symetricas e arruadas que marinharam pelas encostas indianas, nos serros do baixo Hymalaia, nos valles do Sur-



da India e de Ceylão a que as nossas gravuras se referem.

Ao terceiro anno, tendo as plantas 4 a 5 pés de altura, são podadas, para lhes augmentar o numero de rebentos. Quando se apresenta em cada rebento com umas quatro ou cinco folhas, considera-se o arbusto apto para a primeira colheita. Corta-se com a unha do pollegar de encontro ao indicador o pedunculo do rebento de maneira a arrancar-lhe o botão e as duas ou tres folhas mais vizinhas, pois quanto mais tenras são as folhas mais fina ha de ser a qualidade do chá.



Mulheres colhendo o chá

ma e do Brahmaputra, por todo o Bengala, no Travancore, no Assan, juntandolhes mais os 400:000 geitos dos *tea-gardens* de Ceylão, são a pertença de poucas duzias de privilegiados, grandes capitalistas e grandes companhias exploradoras, tendo sob as suas ordens o exercito de perto de 1 milhão de *coolies* que lhes faz a cultura.

A semente do chá é enterrada no solo a uma pequena profundidade, em viveiros de terra molle e fertil, e o arbusto crescido sobre ella é transplantado quando attinge dois palmos de altura para a terra do *jardim*. Dá-se a cada um uma area de uns quinze pés quadrados e dispõem se em filas regulares, geometricamente. Falamos, já se vê, da cultura nas grandes fazendas

Cada arrancador leva ás costas um cesto para onde arremessa as folhas, e á tarde cada cesto do batalhão de mulheres e de crianças que se occupam na colheita é pesada para, conforme o peso trazido, receber o pagamento. Se o peso de um cesto exceder a tabella marcada para o dia, o *coolie* receberá uma gratificação supplementar á medida do seu trabalho. Depois de pesada, é a folha levada para a casa da secagem, onde é espalhada em largos taboalheiros; pela manhã tem seccado o sufficiente para poder torcer-se sem quebrar e é n'essa altura levada para a machina de enrolar, a fim de lhe extrahirem o sumo; durante esta operação vae a folha mudando de côr, perdendo o vivo do



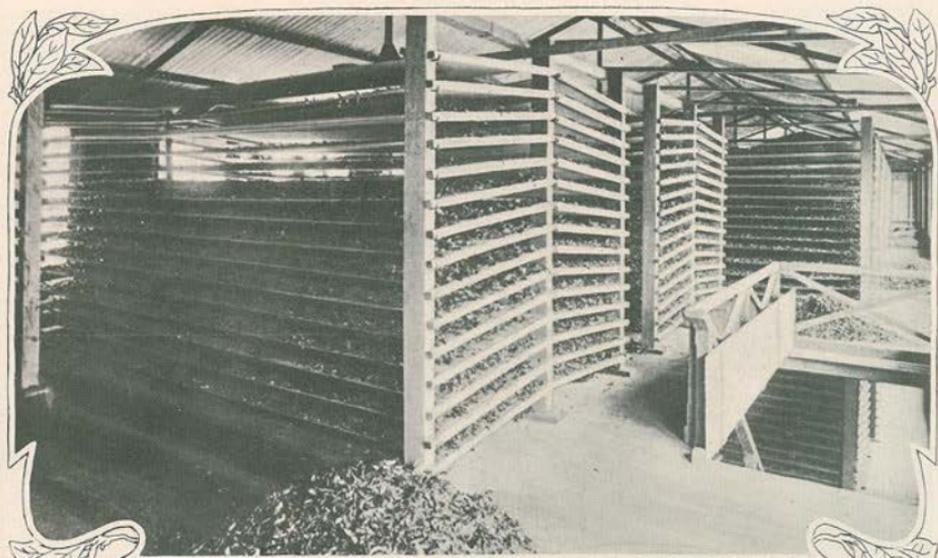
verde e tomando um tom amarelado. Enrolada a folha, transportam-a para uma casa sombria e humida onde a estendem em tableiros ou em chão de cimento, coberta com pannos en-sopados em agua; deixam-a fermentar ou oxidar, o que dá á folha um tom baço de ferrugem. Esta ultima operação, de que



depende em grande parte o sabor e o aspecto do chá, é extremamente variavel, havendo chás de determinados jardins que levam perto de um dia a fermentar, ao passo que outros em menos de duas horas terminam tal transformação. A fermentação segue-se a queima, sendo as folhas sujeitas durante 20 minutos



1—Corte dos arbustos do chá, destinado sobretudo a impedi-los de crescer a demasiada altura.  
2—Arbustos de chá abandonados a pleno crescimento e que atingem uma altura de 10 metros, produzindo chá de qualidade inferior



a um banho de ar quente a perto de 300 graus Fahrenheit. A queima faz cessar immediatamente toda a fermentação, retorce as folhas e provoca o seu enegrecimento. Segue-se uma queima mais lenta, a uma temperatura mais baixa, e o chá, torrado, quebradiço, adquire finalmente o aspecto que vemos no



commercio. Durante todo este fabrico a folha do chá reduziu-se a um quarto apenas do seu peso inicial.

Terminadas essas operações, é o chá levado para a casa da escolha, onde o espalham no chão e é minuciosamente examinado por novas operarias para a extracção de



1—A seccagem das olhas. 2—A passagem ao crivo.

qualquer graveto de madeira ou de qualquer grão de pedra que o tenha acompanhado. D'ahi segue para peneiras de malhas finas; se o chá passa pela rede da peneira, entra na cathogoria de chá de primeira qualidade com o nome de «chá não-partido,» provindo naturalmente das mais tenras folhas e dos botões da planta; se as folhas percorrem todo o comprimento da rede sem lhe atravessar as malhas, cae ao fim da peneira em cestos de onde o levam para a machina de partir, voltando da machina outra vez a ser peneirado



boração nas fabricas modernas. O enrolamento das folhas que uma machina se encarrega de fazer nas fabricas de Ceylão e da India, sem dar mais trabalho do que o de despejarem n'ella o chá e de d'ella o extrahirem, é na China feito pacientemente por um pobre diabo de um chinês assentado n'um banco, em cujo extremo está fixado um prato que contém as folhas que elle vae enrolando. A queima, que o ar aquecido a altas temperaturas facilmente produz nas estufas dos fabricantes inglezes, faz-se no Extremo-Oriente em longas casas em cujo comprimento ha umas plata-



O transporte das caixas do chá

e sendo assim automaticamente determinada a sua cathogoria. Pouco antes de ser empacotado sofre uma ligeira requieima, por pouco tempo, para a extracção de alguns vestigios de sumo que tenham reaparecido, e é finalmente encaixotado em caixas de chumbo contendo approximadamente 40 kilos cada uma. N'esses caixotes grandes de 40 kilos é exportado da India e de Ceylão na quasi totalidade, 97 %, para os grandes revendedores de Inglaterra, e é nos armazens d'estes que o trasbordam para as caixas menores ou que separam os pequenos pacotes em que apparece á venda.

O fabrico do chá na China differe do usado nas terras inglezas, como todas as velhas industrias primitivas differem da la-

formas de tres palmos de altura, nas quaes se fazem trezentos ou quatrocentos buracos circulares de dois pés de diametro e outro tanto de profundidade, no fundo das quaes se accende uma fogueira de carvão de madeira que arde até desaparecer a chamma, tornando o quarto em uma fornalha enorme. Os *coolies* penetram n'esse brazeiro de bocca e nariz tapados para mexer os fogos e os pôr em ponto de receber o chá.

Quando o carvão está em brazas sem chamma é coberto com novas achas que preservam o fogo e temperam o calor; ao fim de 12 horas de estar o quarto em aquecimento precipitam-se n'elle os *coolies* com cestos altos de bambú abertos nos extremos, com uma peneira a meio servindo-



lhes de fundo, contendo cada

cesto uma média de uns 4 kilos de chá. Durante as primeiras horas não tocam na folha; depois, quando ella está altamente aquecida, começam a mexel-a e a mudal-a de cesto para cesto; essas mudan-ças, feitas em geral de hora a hora, prolongam-se por uma noite inteira, e quanto mais durar o aquecimento do chá mais escura será depois a bebida por elle fornecida. Pela manhã é o chá encaixotado, quente como se encontra da queima que soffreu.

Ha chás na China a que os entendedores dão extraordinaria valia; alguns nunca deixam mesmo a região da sua produção e outros são inexportaveis, sendo apenas reservados para comparação ocasional e experiencias com o chá de commercio. D'este ha alguns mesmo tão raros e tão apurados que o seu preço chega a attingir na propria China 250\$000 réis o kilo! E como nem mesmo o melhor entendedor pode com segurança garantir a boa qualidade do chá pela simples apparencia, e é necessario provar, e o china é o mais manhoso e o mais velho de todos os entes que povoam a terra, arbitra-se para a prova um valor de 10 a 15 tostões por cada chavena; e como o china manhoso sustenta que, para o chá dar a verdadeira coloração, precisa de ser preparado n'uma vasilha de 200 taças, a prova transforma-se n'um negocio em que o china ganha logo alguns centos de mil réis.



1—Habitações dos colhedores de chá  
2—O empacotamento

(Clichés Delius)

# • O S. GABRIEL EM HONOLULU •



O *S. Gabriel*, continua na sua viagem de circumnavegação e esteve ultimamente em Honolulu, onde a numerosíssima colonia portugueza recebeu, com a maior sympathia, os officiaes e marinheiros do nosso navio, off-recendo-lhes varias festas na cidade. Honolulu é d'um grande pittoresco, como se vê pela photographia que publicamos, e no seu porto ancoram a miudo os grandes couraçados americanos, que tiveram agora occasião de trocar cumprimentos com o navio portuguez cuja visita causou grande alegria aos nossos compatriotas.



1—A esquadra americana do Pacifico ancorada no porto de Honolulu

2—Panorama de uma parte da cidade de Honolulu

(Clicks do sr. José de Sousa)

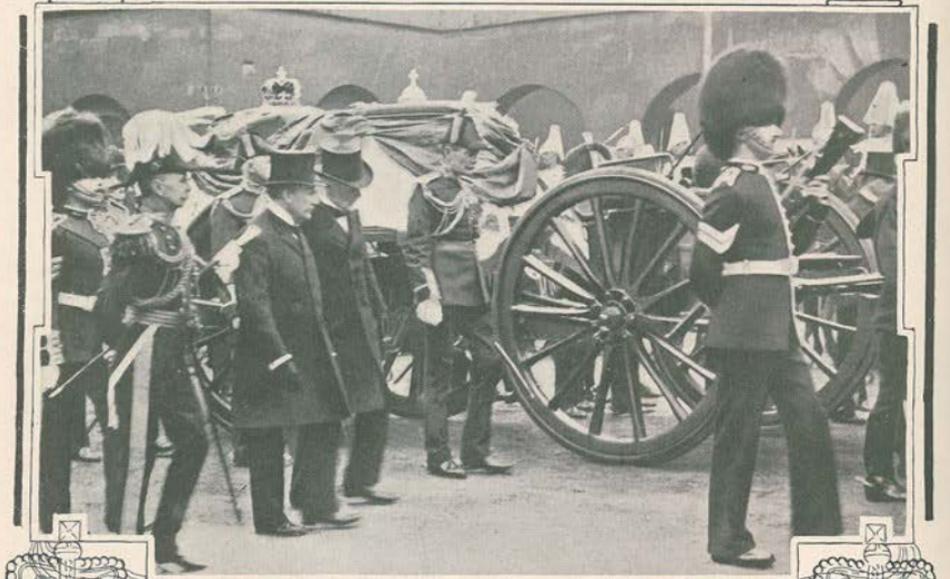
# O FUNERAL DE EDUARDO VII



A capella ardente de Westminster, onde o teretro foi exposto e guardado pelos granadeiros e d'onde saiu em 20 de maio para a capella do castello de Windsor.



O cortejo fúnebre chegando a Westminster, seguido pelo rei Jorge V, a pé, com os seus filhos, os príncipes Eduardo e Alberto  
(Cliché Graphic Press)



A trasladição do corpo de Eduardo VII, n'uma carreta de artilharia, do palácio de Buckingham para Westminster.

**OS OFFÍCIOS FUNEBRES**  
**POR ALMA DE EDUARDO VII.**  
 NA EGREJA DE S. JORGE EM LISBOA

Em 20 de maio real-  
 lisou-se na igreja angli-  
 cana de S. Jorge a ceri-  
 monia funebre por  
 alma do rei Eduardo  
 VII, tendo assistido  
 S. M. a Rainha Sen-  
 nhora D. Amelia e  
 o principe real,  
 grande numero de  
 membros da colo-



1—A chegada de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia,  
 2—O sr. ministro de Inglaterra sir Francis Williers e S. A. o Principe Regente  
 Senhor D. Afonso, com o presidente do conselho e o reverendo dr. Lewis, 3—S. M. a Rainha,  
 S. A. o Principe Regente sahindo da igreja anglicana depois da cerimonia.  
 (Clichés de Benollet)



Aspecto interior da igreja de S. Jorge durante a cerimonia funebre  
(Desenho de Gaspar Telles)

nia inglesa e pessoas da nossa primeira sociedade. Officiaram os srs. Churchwandens, H. W. Dartfort P. E. Mascarenhas e W. F. Hickil, tocando órgão o sr. Milhard. Um grupo de senhoras formou a parte coral e o reverendo Lewis fez o elogio do finado rei d'Inglaterra, dizendo o arbitro da paz da Europa, um grande amigo de Portugal e agradecendo a presença da rainha e do principe real na cerimonia da igreja anglicana. Referiu-se tambem á aliança secular dos dois paizes, aos actos principaes do reinado de Eduardo VII, falando commovidamente do seu vulto de grande soberano moderno adorado por todas as classes, querido pelo seu povo, respeitado pelos estrangeiros, tendo contribuido para o estreitamento de relações dos paizes.

# Vida Elegante

CHRONICA QUINZENAL DA VIDA MUNDANA DE LISBOA



- 1—Sr.<sup>a</sup> marquesa de Rio Maior
- 2—Sr.<sup>a</sup> marquesa de Tancos
- 3—Sr.<sup>a</sup> marquesa de Avila
- 4—Sr.<sup>a</sup> condessa da Figueira

- 5—Sr.<sup>a</sup> condessa de Taboira
- 6—Sr.<sup>a</sup> D. Josephina de Castel-Branco Ribeiro da Cunha
- 7—Sr.<sup>a</sup> D. Maria Domingas de Souza Coutinho (Borba)

O annuncio da representação da linda peça de Marcellino Mesquita *Perallas e Sécias* por um grupo de amadores dramaticos provocou natural curiosidade, e foi, durante o melhor de dois mezes, e enquanto proseguiam os ensaios, o thema predilecto das conversações nos centros elegantes da capital.

As prophcias de acontecimentos desastrosos, como resultante da gravidade do commettimento, succediam-se, apavorando os animos menos propicios a desfallecimentos; e aquella facilidade, tão portugueza, de julgar os factos, por simples hypothese, sem paciencia para aguardar a sua realisação, exercia-se por forma a preparar uma densa atmosphera de pessimismos, á qual não seria

possivel resistir um exito que não fôsse absolutamente triumphal. Não sei se os boatos em circulação insistente chegaram aos ouvidos do grupo que pacientemente buscava dia a dia interpretar com justeza as subtillezas galantes d'essa linda peça de joalheria litteraria, que é *Perallas e Sécias*.

E' possivel que a alguns fôsem, acaso, e como manifestação de interessada amizade, reproduzidas algumas das apreciações em giro a proposito do successo negativo da recita se

devia esperar, sob o ponto de vista artistico... Espesinham-se em nome da mais affectuosa amizade delicadas illusões; o enternecido interesse marca não raro propositos crueis. O certo é que, conhecedor, ou não, do que por ahí se apregoava em tom de desolada confidencia—que é o mais propicio á vulgarisação de perfidias, o grupo de amadores dramaticos tendo á sua frente aquella intemerata persistencia que tanto notabilisa a acção do conde da Figueira (D. Luiz), sem grandes esmorecimentos, foi pouco a pouco alcançando os elementos necessarios para se apresentar ao publico, que seria juiz, em ultima instancia, da osadia do seu commettimento. Então o publico julgou,—sentenciando no

sentido de se repetir a peça sempre com o mesmo ruidoso exito. E eis ahí, como de uma empresa audaz, sem duvida, e tão anal agourada, resultou um triumpho indiscutivel, que é mister registar n'estas chronicas mundanas, como acontecimento de especial importancia.

Antes de mais pormenorizadas referencias ás recitas dos *Perallas e Sécias*, cumpre alludir á commissão que as promoveu. A algumas das illustres senhoras que faziam parte d'essa commissão, presta hoje homenagem a *Illustração Portugueza*, naimpos-



O minuetto do ultimo acto dos *Perallas e Sécias* (Cliché de Henollet)

sibilidade—a que foi alheio o nosso desejo—de esmaltar estas paginas com os retratos de todas as benemeritas damas que a constituíram. De resto, os seus nomes são bem conhecidos, não só pela doirada evidencia que tem na sociedade elegante da capital, mas, principalmente, porque andam sempre ligados a quantas obras de caridade por ahí se praticam, abrindo e sustentando estabelecimentos de instrução, amparando asylos onde a velhice desvalida encontra abrigo tranquillo, espalhando, em summa, abençoa-

tica, a sua collaboração n'essas piedosas iniciativas é particularmente valiosa. Assim elle organisa as recitas de caridade, recruta auxiliares, distribue postos, escolhe peças, trata da vulgarisação das idéas a que as festas visam, trata da passagem da casa, encarrega-se do expediente; e tem, ainda no fim de tantos e multiplos affazeres, o tempo necessario para tomar parte nos espectaculos, estudando papeis e cuidando dos pormenores da sua interpretação!

E' claro que, nos tempos correntes de



*Um par do minneto*  
Sr.<sup>a</sup> D. Arcelina Valente (Taboeira) e sr. Antonio Paes de Sande e Castro

das alegrias, onde encontra miserias a proteger e lagrimas amargas a enxugar.

No sr. conde da Figueira (D. Luiz), tem esse denodado grupo combatente das alheias desditas um auxiliar entusiasta e dedicado. Uma vez ao serviço de nobres ideas, a actividade que o bondoso fidalgo desenvolve é verdadeiramente extraordinaria. Como tem verdadeira paixão pela arte drama-

feroz egoismo, esta actividade, posta desasombroadamente ao serviço de benemeritas iniciativas, tem um relevo muito especial. Por isso, o nome do conde da Figueira, D. Luiz de Castello Branco, aureolado de respeito e sympathias, é pronunciado grata e commovidamente, refulgente na dupla aristocracia—do sangue e do coração.

Já dissémos que as recitas da peça

de Marcellino Mesquita foram um triumpho incontestavel para os amadores que a intepretaram, affirmando meritos excepcionaes. E, não só o desempenho foi digno de nota, a *mise-en-scène* esculpida, o desusado esplendor das *toilettes*, a soberba valia das joias que as esmaltavam, eram outros tantos auxiliares de alta importancia a contribuir para o notavel conjunto d'esse magnifico espectáculo. Assim, a assistencia, mata vilhada e attenta, viu decorrer esses filigranados tres actos da portuguezissima obra

artisticas. A sr.<sup>a</sup> D. Emilia Brederode Smith foi uma altiva *marqueza de Sande*, ciosa das suas aristocraticas prerogativas, um pouco gentil de mais, talvez, para o que ácerca do aspecto physico da velha fidalga n'aquella altura da sua existencia possa exigir o auctor da peça em obediencia á verdade historica. Mas a mocidade, por mais que se procure occultar, atraiçoa-se até no brilho do olhar e no timbre crystallino da voz. A sr. D. Thereza Valente (Taboeira) realisou, pelo encanto da



*Um par de minuet*  
Sr.<sup>a</sup> D. Thereza Valente (Taboeira) e sr. José de Castro Guimarães

theatral, tende a impressão do que seria, em particularidades de existencia e sumptuosidade de aspectos, esse período incerto e agitado, mas por vezes brilhante que a peça de Marcellino Mesquita desenhou em traços leves e delicados, a espaço pontuados de delicioso humorismo.

No desempenho, a começar pelas senhoras, accentuaram-se felizes aptidões

sua formosura e gracil vivacidade de expressão, o typo de *Carlota Sande*; as sr.<sup>as</sup> D. Arcelina Valente (Taboeira), D. Carolina de Sousa Motta Marques e D. Emma Sommer Bandeira foram tres gentilissimas *sécias*, que dariam singular realce á scena, só com a sua presença, se não fôsse acrescentado com o brilho da intelligente interpretação. Pelo que respeita aos srs. conde

da Figuera, José de Castro Guimarães, José de Mello e Castro Moreira, Leopoldo Sotto Mayor Duar, Nuno Bandeira Saldaña, João Mendes de Vasconcelos Guimarães (Rita Tamega), D. Joaquim de Castello Branco (Pombete), José Maria Eça de Queiroz, José de Castello Branco Ribeiro da Cunha, Antonio Pass de Sando e Castro, Pedro Ignazio Mendes da Silva, D. Vasco Cabral da Camara, Antonio de Saldanha Oliveira e Daun, José de Carvalho Daun e Lerona e Jorge de Cabedo e Vaz concelheiros affr-

tivamente para o conjunto esplendido que o publico estuasiasticamente festejou, nas recitas de caridade em D. Maria e no sarau dos jornalistas em S. Carlos.

Em propheticas levamos, positivamente notoria vantagem aos que amam-laras o fim do mundo pelo cheque do cometa de Halley com a terra. O profeta em que as trombetas annunciadoras do dia do juizo haviam de soar fardicamente, convidando a ho-

mbi estão accendendo essa interminavel serie de alegres diversões, de que a chronica tem de ser, pouco a pouco, o echo fiel e pormentariado. Se a solemnizacao do centenario da Argentina proporcionou a vida elegante da capital, tres festas distictissimas, o elegante jantar e a linda recepção do dr. Malbran, secretario da legação, o animada recepção do consul argentino D. Pablo Larcaño e o grande banquete e deslambante baile dos srs. Garcia Sagra-

zozano desmentido aos que nos accusam, a modo, como se vê, injustamente, de exaggerado restritismo em pontos de convivencia social. E para que nada faltasse a essa doutrina caedla que ha mezes envolve a vida mimada de Lisboa, arrastando-a, sem descaço, de festa em festa, surgiu como uma atrahente e historica armadilha a nossa tentação, nos salos do palacio Magalhães, uma *Academia* de aspectos variados e interessantes; e ahí temos agora, em pleno exito, — que é tambem pela assistencia de



No primeiro plano da esquerda para a direita: Sr. D. Evaristo Semper, D. Arcelia Valente (Tabelleira), D. Emilia Mendonça Bank, D. Carlos Pedro Ignazio Mendes da Silva, José de Castello Branco Ribeiro da Cunha, Antonio Pass de Sando e Castro, Antonio de Saldanha Oliveira e Daun, D. Joaquim de Castello Branco e Serrateo que seba e accoa no theatro D. Maria. No segundo plano, da esquerda para a direita: sr. Leopoldo Sotto Mayor Duar, Nuno Bandeira Saldaña, João Mendes de Vasconcelos Guimarães (Rita Tamega) (Cidade Viçosa)

marzo-se, mais uma vez, amadora dramaticos de superior merito, desenhando com intelligente propriedade as personagens e sou cargo, todos collaborando no-

mudança no repouso eterno, já lá vae ha dias, sua modificação scenavel no giro habitual da esphera terrestre. Em composição prophetisimosa que as fetras mudanas da capital não teriam fim e os registos elegantes

time, a que assistiram San Magdalenê El rei e Sua Alteza o Principe Real. Malo despede-se assim, legando ao successor o encargo de continuar nos campos e pralzas essa obra de

música que respandeece nas tribunas, um soberbo concurso de brileza e elegancia! Como se vê, não faltam diversões; e se alguma coisa pôde affligir a sociedade



O 3.º acto dos *Peraltas e Secas*—(Cliché Bevolet)

que se diverte, é a dificuldade da escolha, ou a resistencia physica necessaria para acompanhar este incessante e alegre movimento. Bem sabemos que vem ahí o verão promettedor de reparador descanço;—o qual descanço consiste em valsar nos casinos das praias, em enfiar partidas sobre partidas nos *courts* de *tennis*, em dispender forças nos exercicios do remo e em soffrer commoções á beira das roletas, experimentando as incertezas da sorte. E', em summa, um descanço que parece uma permanente fadiga.

Conta-se de um mundano, que era muito estimado nos salões elegantes pela vivacidade do seu espirito e primores de trato, que, ao cabo de um movimentado inverno e de uma não menos movimentada primavera, participou um dia aos seus amigos a intenção em que estava de sahir para o estrangeiro, allegando motivos especiaes que determinavam essa resolução inesperada. A noticia logo circulou, um tanto velada de acirrante mysterio, que tornava mais attrahente o caso. Uma bella manhã o mundano desapareceu, indo esconder-se em certa quintarola, quasi inculta, proximo a uma d'essas pittorescas praias que se avistam da Serra de Cintra. A criada velha que o servia, e o viu chegar alquebrado e macilento, entrou de suppór que o patrão se occultava por motivo grave, chegando a phantasiar coisas pouco abonatorias da honra do amo... Este ia recobrando forças pouco a pouco; voltaram as boas côres e com a saude a serenar alegrias de tempos idos. Mas, uma tarde, ouviu-se ao longe um ruido estranho, feito de risos, de assobios, de palmas, e ao mesmo tempo um grupo numeroso avançava correndo. O mundano empallideceu e ajoelhou tremulo na areia que faiscava ao sol; e erguendo os braços ao ceu impiedoso, bradou n'uma convulsa imprecação, enquanto a criada, espavorida, pensava em se lançar ao mar em fuga contra o espantoso perigo que a attitude do amo lhe annunciava:

— Um *pic-nic*! Maldição! um *pic-nic*!...

Quantos, fazendo das fraquezas forças, vão sentir este anno igual terror supersticioso, ao annuncio de uma festa em projecto, depois d'este movimentado inverno?!

LUÍZ TRIGUEIROS.



Sr. conde da Figueira  
(Cliché Vasques)

# A RESURREIÇÃO DE UM GRANDE PINTOR.

## AS TABUAS DE NUNO GONÇALVES



1—Dr. José de Figueiredo  
2—Conde dos Olivares e de Penha Longa  
3—Luciano Freire.

A surpresa empolgante que representou para o publico a apparição das pinturas de Nuno Gonçalves, restauradas magistralmente pelo sr. Luciano Freire ao seu esplendor primitivo, explica demasiado o alvoroço com que a imprensa, em geral tão desavinda com a arte, noticiou o consideravel acontecimento. Viria tarde a *Illustração Portugueza* se pretendesse integrar esta breve noticia n'esse nobre movimento com que se honrou o jornalismo ao proclamar a importancia excepcional que assumiu a exposição das seis taboas do paço de S. Vicente, e cuja existencia reivindicava para Portugal direitos gloriosos, sempre até hoje contestados, a uma indiscutivel proeminencia na historia da pintura. Mas se esta



indispensavel referencia, por tardia, não pôde já contribuir para estimulo de legitimos entusiasmos entre aqueles, infelizmente raros na incultura mental d'este paiz, para quem a arte é uma affeição espiritual, ella consente-nos registrar a grandiosa significação historica do maravilhoso achado, que de repente nos colloca em surpreendente destaque perante as grandes nações que até agora usufruíam as honras exclusivas de haverem elaborado as obras mães da pintura, creando definitivamente, depois da architectura, a mais genial expressão da arte christã da Edade Media.

As pinturas do Grão-Vasco não podiam bastar para assegurar a Portugal essa proeminencia gloriosa. E' só agora, depois da resurreição

Panel do Arcebispo  
(Estado anterior ao tratamento)



*Painel dos Cavalleiros  
(Estado actual)*

da obra magestosa de Nuno Gonçalves, que se tem a noção, desprendida de louváveis vaidades, da inferioridade manifesta das pinturas famosas da Sé de Vizeu. Vasco Fernandes desce imediatamente a um segundo plano ante o seu precursor genial, e de tal modo a sua mestria surpreendente nos embaraça de espanto, que o nosso espirito admite a hypothese ambiciosa de ser possível, como confiadamente o declara o sr. José de Figueiredo, reclamar para Portugal, dentro do movimento artistico europeu, a gloria de haver produzido, parallelamente ás escolas italiana e flamenga, uma escola de pintura inconfundivel.

— Toda a segunda parte da obra do sr. José de Figueiredo *O Pintor Nuno Gonçalves* tende a confirmar por uma argumentação copiosa essa proposição inedita, e não é favor reconhecer-se que nunca a critica de arte se exerceu entre nós com mais erudita penetração, com mais abundante e convincente eloquencia do que atravez das cento e cincoenta vastas paginas d'este livro contagiosamente entusiastico, que para sempre tornará inseparavel o nome de Nuno Gonçalves do seu panegyrista illustre. Ao sr. José de Figueiredo cabe a honra indiscutida de haver revelado a toda a luz da sua primitiva grandeza, com um notavel poder devinatorio, a obra prima do pintor, até hontem obscuro, de D. Afonso V. A arte portugueza fica devendo-lhe o serviço incomparavel de a ter enriquecido com um thezouro esplendido; e nunca será de mais insistir sobre a importancia capital que assume a resurreição d'essa obra morta, pois que ella, inesperadamente, vem enriquecer com as glorias da arte esse remoto seculo xv da historia portugueza, tão fulgurante das glorias das navegações e das conquistas, completando-o na sua grandeza, elevando-o na sua significação historica, ampliando-o na sua capacidade creadora.

Seria cair em repetições enfadonhas o narrar, depois que já toda a imprensa diaria o fez, a historia, cheia de provações, das seis pinturas que hoje nos restam da obra, porventura bem mais consideravel, do pintor predilecto d'esse rei culto e artista, que foi o prodigo e ostentoso D. Afonso V. No seu livro, legitimamente orgulhoso, o sr. José de Figueiredo conta como conseguiu obter da mitra lisboense, para restauro, os paineis de S. Vicente, que lhe são agora restituídos em todo o seu resplendor primitivo; e não é dos capitulos menos impressionantes da sua obra aquelle em que o auctor nos relata os processos minuciosos que empregou na identificação das pinturas com a noticia summaria que d'ellas havia deixado Francisco de Hollanda, trabalho esse denunciador de uma pericia e de uma argucia admiraveis, que bastariam para fazer a reputação de um critico de arte, e a que o achado da rubrica de Nuno Gonçalves vinha de repente dar uma consagração decisiva.

N'essa tarefa laboriosa o sr. José de Figueiredo encontrou dois collaboradores essenciaes: o sr. conde dos Oliveas e da Penha Longa, que se offerceu para custear as despesas do tratamento dos quadros, e o sr. Luciano Freire, que com um desinteresse raro se encar-



*Panel do Arcebispo*  
(Depois do restauro—Estado actual)

regára da restauração dos painéis, trabalho de responsabilidade imensa, em que o illustre pintor confirmou, a par de vastos conhecimentos da arte complexa e erudita do restauro, aptidões excepcionaes, que lhe valeriam a celebridade no estrangeiro.

Pequeno premio seriam para essa trindade illustre de benemeritos da arte os louvores passageiros da imprensa, que não lh'os regateou com a costumada usura, antes lh'os prodigalisou com espontanea justiça. Muito mais de quanto podem os nossos applausos sinceros deve ter-lhes compensado os sacrificios e os trabalhos a consciencia de haverem, não apenas doado à arte portugueza, tão desfalcada do seu patrimonio opulento, um inestimavel thezouro, mas de terem restituído a Portugal, com a revelação do insigne pintor de D. Afonso V, o activo direito de intervir no pleito artistico em que a Flandres e a Italia até hoje eram as unicas grandes nações admittidas.

A' gloria portugueza do quinhetismo faltava



As duas taboas dos Cavalheiros e dos Pescadores figurando indevidamente um mesmo painel e taes como se achavam antes do restauro.



Painel dos Pescadores  
(Estado actual)



*Painel do Infante—(Estado actual)*



*Painel da Reliquia*—(estado actual)  
 essa aureola espiritual, esse nimbo luminoso da arte. Agora o passado como que se tornou mais bello. A resurreição da obra de Nuno Gonçalves engrandeceu mais esse seculo glorioso em



*Painel dos Frades*—(estado actual)  
 que os historiadores apenas enxergavam as scintillações das armas e o arfar das vélas, por entre o humanismo semi-barbaro dos letrados.

(Clichés de João Coutinho)

# A PARADA AGRICOLA DE BARCELLOS.



cella, d'onde uma pequenita guardava a criação. Foi este carro ornamentado pelo sr. Joaquim Gonçalves da Silva Mattos e obteve o premio de El-rei, sendo o segundo conferido ao da Escola Agricola, que era uma allegoria ao futuro da agricultura. Os rapazes distribuam uns versos nos quaes se davam sabios conselhos ácôrca da maneira de fazer prosperar a lavoura e se chasqueava a rotina agricola.

Musicas, descantes das camponezas garridas que iam nos carros, com suas arrecadas, seus cordões sobre os trajos vistosos, foguetes estralando, toda a



Por occasião das festas das Cruzes em Barcellos, houve uma parada agricola que foi um magnifico espectáculo. Concorreu muito povo dos arredores a vêr desfilar os trinta e oito carros que compunham o interessante cortejo. Iam ali representados todos os ramos agricolas, as industrias de serração, irrigação, serralharia, trabalho de linho e viticultura. Um carro reclamo de adubos chímicos causou sensação pela sua originalidade. Representava um pomar a cuja sombra uma gallinha com a sua ninhada ia debicando junto á can-



alegria paga d'uma festa d'io norte, tornaram encantador esse longo cortejo em que se fizeram representar a maioria dos lavradores locais. Os carros, alguns originaes, eram d'um soberbo effeito na sua passagem, ornamentados com verdura, com allegorias feitas com instrumentos de lavoura. D'um carro onde ia uma pipa e que representava a viticultura, offerrescia-se vinho ao povo que o seguia no maior entusiasmo e depois se ia perder no arraial em frente da egreja de Santa Cruz, que fora benzidana vespera com a maior cerimonia, no fim da qual se distribuiu

1 e 2—Thereza, moça de lavoura da quinta da Bagoeira, primeiro premio de traje regional. 3—Trecho do carro dos adubos chímicos, ornamentado e apresentado pelo sr. Joaquim Gonçalves da Silva Mattos e que obteve o premio de El-rei



1—Um aspecto do cortejo desfilando no largo do Bom Jesus da Cruz. 2—O carro da freguesia de S. Paio de Carvalhal. 3—O carro da indústria do linho, apresentado pelas freguesias da Gama e de S. Romão da Ucha.



um bodo a duzentos pobres.

Essa parada agrícola foi, pois, um espectáculo que deixou recordações e bom seria que o exemplo fructificasse, porque representaria um incentivo para a lavoura nacional, sendo ao mesmo tempo uma diversão para os lavradores que ornamentam os seus carros, preparam as alfaias, incitam as moças a vestirem-se garridamente, atafam as montadas e vão alegremente nos cortejos bem prefetivos às romarias. Dias antes da parada houve uma *marché aux flambeaux*, na qual tomaram parte carros muito bem ornamentados e

ATÉ NO MEIO  
DA PENEDIA

COM TRABALHO  
E PERTINACIA

SE CONSEGUE  
ARRANCAR Á TERRA

O PÃO NOSSO  
DE CADA DIA



4—O carro do sr. Arthur da Cruz Gonçalves, da freguesia de Lijó



As lindas moças de S. Paio de Carvalhal

bandas de musica que concorreram ao certamen, no qual foi conferido o primeiro premio á dos Voluntarios de Guimarães.

Muitas outras philarmonicas entraram no concurso e uma grande quantidade de povo, em volta dos coretos, ia applaudindo os trechos musicaes de maior agrado, manifestando-se entusiasticamente no final do certamen em applausos á banda vencedora.



O largo do Bom Jesus da Cruz por occasião do desfile do cortejo

# LÁ POR FÓRA

**HABU, O HOMEM DA LINGUA DE FERRO** — Chamam o homem da lingua de ferro a este singular fakir, que tem causado admiração em Berlim, onde trabalha no Castans Panoptikum.

Sabe-se as qualidades extraordinarias de que são dotados os fakires, essa legião mendiga da India, todavia respeitada pelo povo, que se prostra á sua passagem e lhe beija os pés com as maiores provas de veneração. Elles enterram a cabeça no solo, por instantes, perfuram as carnes com estyletes, fazem as coisas mais bizarras e as mais dificeis, causando sempre o pasmo das multidões. Habu — o homem da lingua de ferro — preferiu, porém, a celebridade e o dinheiro e apresentou-se ao publico berlinez, trespassando a lingua com um colchete de ferro ligado a uma corrente, no fim da qual se prendem grandes pesos, que o fakir levanta entre os applausos dos espectadores. E' assim que elle ergue uma pessoa do peso de setenta e cinco kilos, um barril de cerveja e outras cousas, o que causa o espanto de todos quantos teem visto o seu curioso trabalho.



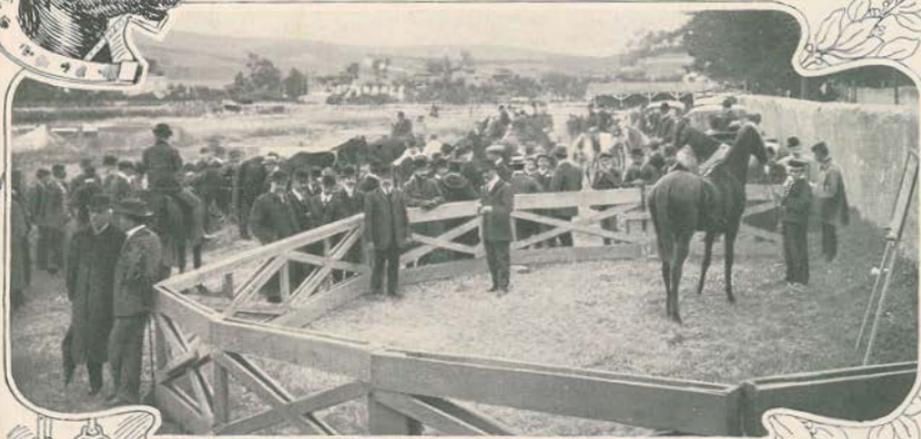
2 e 3—Uma nova Duncan em Vienna

**A DANÇARINA CILIA CLAUD**—A Duncan com a sua dança espiritualizada creou uma escola. A' maravilhosa dançarina succederam outras que procuram excedel-a, como Ritta Sachetti, que ha pouco vimos em Lisboa, com a sua grande arte. A nova Duncan está actualmente em Vienna, no theatro Ronache, onde deu dez representações seguidas, e chama-se Cilia Claud. Fizera já uma grande sensação em Londres ao apparecer no Royal Theatre Drury Lane. E' uma formosa rapariga; as suas feições teem um incedível encanto; são maravilhosas as poses plasticas d'essa dançarina que o publico de Vienna applaude ao vê-las nas suas linhas puras de estatuas gregas.



1—Habu, o homem da lingua de ferro

UMA INICIATIVA DA SOCIEDADE HIPPICA PORTUGUEZA  
 O MERCADO DE CAVALLOS NO PARQUE DE PALHAVA



Realizou-se no dia 14 de maio o primeiro mercado de gado cavallar, no velodromo de Palhava, promovido pela Sociedade Hippica Portuguesa, recentemente fundada e que se propõe a auxiliar por todos os modos o desenvolvimento do *sport* hippico, no que presta um relevante serviço.



1—Um aspecto do mercado; O leilão de um cavallo.

2—No dia da inauguração do mercado.

3—A assistência ao primeiro leilão.

(Clíchés de Benoitel)

# PHOTOGRAPHIA NOCTURNA

As photographias que publicamos foram obtidas de noite pelo amador sr. Antonio Soares Balreira, que revela um grande conhecimento da arte photographica. São lindos trechos do Funchal, para os quaes o seu auctor procurou efeitos curiosissimos de luz, dando a estes *clichés* alguma coisa d'artístico que impressiona.

D'uma maneira singular soube obter para o seu trabalho o poder de attrahir a at-



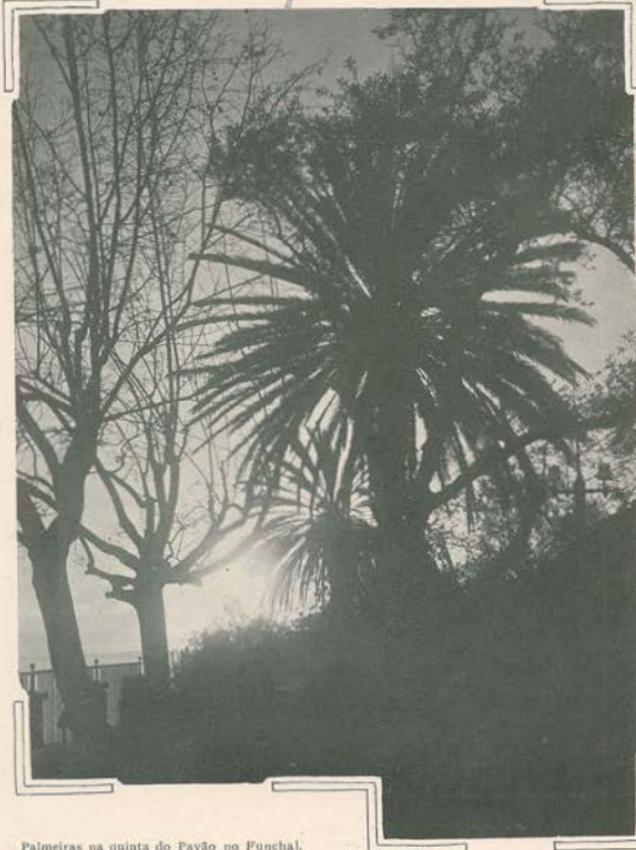
O «Reid's Palace Hotels do Funchal»

tenção, fugindo da banalidade, achando na melancholia dos trechos d'essa linda terra, pela noite, os assumptos, magnificamente escolhidos, que inserimos.

Agora, que a photographia moderna começa a prender as atenções dos artistas, que já encontram n'ella a nota diferente da sentida até aqui, em face do vulgar *cliché*, cabe ao distincto amador, auctor das provas dos *Efeitos de Luz à Noite*, um lugar entre os mais distinctos auctores d'essa arte, como muito bem o comprovam estes trabalhos, na verdade cheios d'um alto interesse e de uma bellissima impressão artistica.

Toda essa belleza nocturna d'um céu, das arvores, dos edificios, as sombras e os claros, o aspecto sempre enternecedor das noites lindas, resalta nos *clichés*, verdadeiros productos da photographia moderna.

A par d'estes efeitos da noite na risonha paisagem do Funchal, outros *clichés*, igualmente formosos, tem obtido o sr. Antonio Soares Balreira, de quem publicaremos mais alguns notaveis trabalhos.



Palmeiras na quinta do Pavão no Funchal.



Os depósitos de carvão de Wilson & Sons, no Funchal.



A bahia do Funchal  
(Clichés do sr. A. S. Balreira, de Ovar)

# ARTES E LETRAS



Luiz Barreto da Cruz

Acaba de ser publicado em volume o drama *A' Margem do Codigo*, do distincto escriptor dramatico sr. Luiz Barreto da Cruz, que tanto successo causou ao ser representado no theatro Normal. A peça, filiada na escola moderna, debatendo uma these arrojada, tendo as suas personagens tratadas com uma grande verdade, mereceu tanto ser lida como mereceu as atenções e os applausos do publico na scena.

E' este o segundo trabalho do dramaturgo que se evidenciou pela forma audaciosa da sua peça, mostrando ao mesmo tempo aptidões notaveis para esse genero de litteratura.

Sem duvida no futuro novas obras do sr. Luiz Barreto da Cruz confirmarão os creditos que alcançou com *A' Margem do Codigo*, que sahiu dos moldes banaes e foi uma forte affirmação de vontade e intelligencia. A edição é da casa Arnaldo Bordallo.



CARLOS DE MOURA CABRAL.—O subtil chronista acaba de publicar mais um livro que se chama *Lisboa Alegre* e é o ridiculo da vida de Lisboa, dado com a fórma impressiva do seu auctor, espirituosamente tratado. São os costumes, as scenas quotidianas da sociedade media e da alta roda que Carlos de Moura Cabral observou com todo o rigor e exprimiu com a grande habilidade d'um artista n'essas chronicas que obrigam a arregaçar os labios n'um sorriso ante as surpresas de que as encheu.

*Lisboa Alegre* é um livro que encanta pela sua maneira, que nos dá notas inéditas da vida da cidade e que sobretudo prende a attenção.

Carlos de Moura Cabral



O architecto sr. Ventura Terra



Sr. Henrique Monteiro de Mendonça



O premio Valmor de 1909. Propriedade do sr. Henrique Monteiro de Mendonça, na rua Marquez da Fronteira. Architecto sr. Ventura Terra